

O ministério integral

Reflexões de Efésios 3-4

Timóteo Carriker

Introdução:

Na casa dos meus pais tem uma videira plantada como muda da videira do meu bisavô. Infelizmente está abandonada há décadas. Por falta de cuidado, já voltou a produzir uvas selvagens. Dizem que é recuperável com o tratamento e podas técnicos certos. No meu quintal em Florianópolis, tenho atualmente sete mudas. A primeira produz bem porque a terra foi muito bem preparada por mim mesmo. A terra das outras mudas foram preparadas por um jardineiro, algumas, mais que uma vez. E ainda estão pegando. Todos tem boa formação e pedigree *pessoal* e todas necessitam tanto de boa nutrição de água, adubo e sol, e todas também necessitam dum caminhar *técnico*.

De certo modo, a nossa missão na vida é semelhante. Sempre podemos aproveitar de boa orientação *técnica*, mas é igualmente importante, se não mais importante o nosso preparo *pessoal*, interior, íntimo com Deus. Quando lemos a Bíblia, ambos os aspectos pessoais e técnicos da nossa missão são enfatizados, mas encontramos muito mais exortação na área pessoal e íntima. Muito da dimensão técnica é pressuposto, mas não tudo. Na Palavra de Deus também podemos tirar boas lições que orientam as nossas estratégias e metodologias. Estas são importantes para a realização da nossa tarefa, entretanto, novamente, a ênfase maior está no nosso relacionamento íntimo com Deus. Este estudo trata estas duas dimensões na esperança que possamos dar muito fruto para a glória de Deus. Vou começar reparando alguns aspectos técnicos da nossa tarefa para depois focalizar o aspecto pessoal. O primeiro estudo é mais técnico e exige uma leitura cuidadosa e ponderada. Procura nos levar além das velhas dicotomias entre o desenvolvimento numérico e o desenvolvimento qualitativo do ministério. E termina com dicas de como avaliar o empenho da sua igreja ao longo de 5 anos. O segundo estudo é mais fácil de acompanhar e procura inspirá-lo a prosseguir firme no ministério mesmo diante das “mancadas”. Vejamos...

Aspectos *técnicos*:

A integralidade e avaliação da frutificação

Nesta primeira reflexão, quero apresentar uma visão da nossa missão que abrange os diversos ministérios da igreja e ilustra a importância dum discipulado também missionário. Assim examinaremos os aspectos técnicos da nossa missão dentro da sociedade que visam transformação pessoal e social.

O estudo do desenvolvimento de igrejas pressupõe certos critérios de avaliação. Estes critérios incluem os métodos técnicos para medir (geralmente quantificar) o desenvolvimento e as *dimensões do desenvolvimento* a ser avaliado. Durante os últimos 30 ou 40 anos, os *métodos técnicos* já adquiriram um grau razoável de desenvolvimento, devido a critérios estabelecidos pela ciência da estatística.

Entretanto, a mesma aceitação ainda não existe no que se refere as *dimensões do desenvolvimento* a serem avaliadas.

O que aconteceu durante os últimos quarento anos é o seguinte: Nos anos 1960s, dentro dum contexto de conscientização social cada vez mais no Concílio Mundial de Igrejas, *Donald McGavran* procurou colocar o evangelismo e a implantação e desenvolvimento de igrejas locais como preocupação central para a missão da igreja.¹ Através disto e as escolas que McGavran fundou, surgiu um pensamento ou perspectiva de missão que chegou a ser conhecido como a perspectiva do “crescimento da igreja”. Como é bem conhecido, a sua ênfase estava no crescimento numérico. O que é bem menos conhecido é que, para McGavran e os seus discípulos, o crescimento numérico era mais que um fim em si. Também era um forte indício da saúde da igreja como as medidas numéricas de peso, e os exames quantitativos de sangue e urina são indícios da saúde do corpo humano. Mesmo assim, a perspectiva do crescimento da igreja sofreu muitas críticas e provocou um bom discurso teológico.

Por isso, nos anos 1970, um antropólogo cristão, *Alan Tippett*,² que era colega do McGavran, propôs uma elaboração do conceito do crescimento da igreja. Tippett sugeriu que o desenvolvimento pode ser avaliado em três dimensões: o desenvolvimento qualitativo, o desenvolvimento quantitativo e o desenvolvimento orgânico, este último se referindo à unidade dentro do corpo de Cristo. Era uma boa melhor da perspectiva anterior e durante anos o modelo de Tippett foi divulgado e utilizado na avaliação do desempenho no desenvolvimento de ministérios. Mas houve também inquietação, especialmente da América Latina.

No final dos anos 70 e entrando na década dos 80, vários teólogos latino-americanos, como *René Padilla*, *Samuel Escobar* e *Orlando Costas*,³ chamaram a atenção para a falta de princípios explicitamente fundados na Bíblia para a elaboração destas dimensões do desenvolvimento da igreja. Juan Carlos Miranda falou de quatro dimensões: o desenvolvimento espiritual, o desenvolvimento corporativo, o desenvolvimento social e o desenvolvimento numérico. Somente o desenvolvimento

¹ Alguns dos principais textos do “Movimento de Crescimento da Igreja” em português incluem: MCGAVRAN, Donald, *Compreendendo o crescimento da Igreja*, São Paulo: SEPAL, 2001; WAGNER, C. Peter, *Por que crescem os pentecostais*, Edições Vida e *Estratégias para o crescimento da igreja*, São Paulo: SEPAL, 1991; READ, JOHNSON, e MONTEROSO, *O crescimento da igreja na América Latina*, São Paulo: Edições Vida Nova, 1970; MIRANDA, Juan Carlos. *Manual de crescimento da igreja*, São Paulo: Edições Vida Nova, 1989; GERBER, Vergil. *Sua igreja precisa crescer*, São Paulo: Vida Nova, 1983; READ, William. *Fermento nas Massas*, 1967; WAYMIRE, Bob e WAGNER, Peter. *Manual de pesquisa sobre o crescimento da igreja*, São Paulo: SEPAL, 1990; e KEYES, Lourenço. *Crescimento equilibrado na igreja*, SEPAL: São Paulo.

² Veja, por exemplo: TIPPETT, Alan. *A palavra de Deus e o crescimento da igreja*, São Paulo: Edições Vida Nova, 1970 e FULLER, Charles E. *Bases Bíblicas para el Iglecrecimiento*, Pasadena, CA., Instituto de Evangelismo e Iglecrecimiento, 1978.

³ Veja, por exemplo: PADILLA, René “La unidad de la iglesia y el principio de las unidades homogéneas” na revista *Misión*, nº 6 (setembro de 1983), *A missão integral*, São Paulo: Temática e FTL, 1992, e os artigos de COSTAS, Orlando “Origen y desarrollo del movimiento de crecimiento de la iglesia” na revista *Misión*, vol. 3, nº 1, (março de 1984) “La iglesia como comunidad misionera en la misionología del movimiento de Iglecrecimiento” na revista *Misión*, vol. 5, nº 2 (junho de 1986), “Análisis sociocultural del crecimiento en las comunidades cristianas” na revista *Misión*, vol. 5, nºs 3 e 4 (dezembro de 1986) e “La estrategia de Iglecrecimiento para la expansión del cristianismo” na revista *Misión*, vol. 6, nº 1 (março de 1987).

social é uma novidade no esquema do autor e se refere tanto à apreciação da igreja pela sociedade em geral, quanto à assistência social prestada pela igreja aos seus membros. Mas entre todos os teólogos mencionados acima, Orlando Costas foi quem ofereceu sugestões mais construtivas. Ele também fala de quatro dimensões o desenvolvimento, a saber, o desenvolvimento numérico, o desenvolvimento orgânico, o desenvolvimento conceptual e o desenvolvimento diaconal. Estes dois últimos são contribuições novas e se referem respectivamente ao aprofundamento no conhecimento teológico e bíblico da fé e à “intensidade do serviço que a igreja rende como demonstração do amor concreto de Deus”. É importante distinguir entre o desenvolvimento diaconal de Costas, cujo alvo é o serviço ao mundo e o desenvolvimento social de Miranda cujo alvo é a assistência aos membros da igreja. Fora isto, Costas correlaciona três *qualidades* do desenvolvimento às sua quatro *dimensões*:

Qualidades	Dimensões			
	Numérico	Orgânico	Conceptual	Diaconal
Espiritualidade				
Encarnação				
Fidelidade				

Estas qualidades são mais teológicas que práticas, como no caso das dimensões, e seguem a analogia da trindade. Portanto as qualidades incluem espiritualidade (a presença e operação dinâmica do Espírito Santo), encarnação (a presença histórica de Jesus na dor e nas aflições da humanidade) e fidelidade (a coerência da ação da igreja com os propósitos de Deus para o seu povo). Estas qualidades ajudam a avaliar níveis de desenvolvimento numérico, orgânico, conceptual e diaconal e assim fornecem a possibilidade de uma avaliação mais criteriosa. Desta forma, creio que Costas tenha finalmente desenvolvido a discussão de maneira positiva a respeito de critérios para avaliação do crescimento da igreja. Porém, suas quatro dimensões ainda não refletem precisamente as principais dimensões encontradas na Bíblia da atuação e crescimento da igreja.

Enquanto a sugestão de Costas representou um avanço no conceito das dimensões do ministério a serem avaliadas, ainda não houve um consenso, principalmente, ao meu ver, porque a fundamentação bíblica deste discurso nunca foi explicitada. Por isso, há cerca de 15 anos atrás eu comecei a sugerir alguns princípios bíblicos básicos para uma melhor conceituação das dimensões do desenvolvimento da igreja. O modelo era baseado principalmente nos capítulos três e quatro da Carta aos Efésios. A procura destes princípios nos escritos de Paulo provinha da sua posição na igreja primitiva como o primeiro missiólogo da igreja e o maior dos seus missionários, na Síria, na Ásia Menor e na Europa. De todas as suas cartas a Carta aos Efésios parece destinada a várias igrejas na região. E por isso, desde início teve a intenção de dar uma orientação geral para a vida e o ministério da igreja. No capítulo três de Efésios procurei demonstrar que o ministério da igreja é fundamental bidimensional. Isto é, possui uma dimensão tanto espiritual quanto social. Esta característica é preliminar à compreensão das dimensões do crescimento da igreja, que elaborei a partir de Efésios, capítulo 4.

Hoje, de modo geral, ainda mantenho estas orientações, embora, com mais reflexão e anos de experiência no ministério, entenda que fatores locais, como a cultura duma região ou e a formação socio-cultural da comunidade específica junto com as dificuldades e vitórias que esta viveu durante a sua história, precisam ser levadas muito mais em consideração no processo de avaliação. Hoje em dia, estes fatores locais e específicos do grupo em questão são muito mais valorizados pelos cursos que focalizam o bom desenvolvimento de igrejas, por exemplo, pelas propostas do Rick Warren e Christian Schwarz⁴. Também, antes de apresentar as minhas orientações, quero enfatizar o que deveria ser óbvio, mas que sempre deve ser ressaltado: a frutificação dos nosso ministérios é muito mais resultado de dois fatores muito simples, que de técnicas e estratégias apropriadas e bíblicos. E digo isso sem querer diminuir a importância de técnicas e estratégias. Paulo certamente seguia, mesmo de modo flexível, técnicas e estratégias. Entretanto, *dois fatores mais importantes ainda são o esforço coletivo do povo local de Deus e a sensibilidade à voz do Espírito*. Não digo isso de modo leviano. Paulo, ao resumir todo o seu ministério em Romanos 15.18-20 (NTLH), disse, "...por meio de palavras e de ações, pelo poder de sinais e milagres e *pelo poder do Espírito de Deus* tenho me *esforçado* sempre para anunciar o evangelho...". Ao mesmo tempo, Paulo teve uma clara visão do ministério e das suas diversas dimensões, como como algo rígido e muito menos mecânico, mas mesmo assim, algo que serviu de orientação para as suas igrejas e que pode servir de orientação para nós também.

O Ministério Bidimensional da Igreja

Talvez a expressão mais precisa, mais abrangente, e mais integral do ministério da igreja se encontre resumida em Efésios 3.10. Tanto a introdução a este versículo quanto a conclusão reforçam a natureza superlativa deste ministério. Aqui vemos que a missão da igreja é uma tarefa cósmica. Diversas vezes na carta aos Efésios, encontramos a frase “principados e potestades nas regiões celestiais” (1.3, 20-21, 2.2, 6, 3.10, 6.12) como o âmbito da vida e testemunho da igreja. Em outros lugares no Novo Testamento a esfera da missão se confina mais restritamente às “nações” ou aos “gentios e judeus”.

⁴ WARREN, Rick. *Uma Igreja Com Propósito*. São Paulo: Vida, 1996; SCHWARZ, Christian A. *O Desenvolvimento Natural da Igreja*. Curitiba: Esperança, 1996. Para este último, ao invés de propor um modelo de crescimento baseado na *imitação* de outros modelos, propõe um modelo baseado na *dedução* do contexto local e *aplicação* para cada caso. O propósito não é tanto *produzir* o crescimento da igreja quanto *liberar* o potencial natural que Deus deu para cada situação. Schwarz também especifica oito marcas de qualidade das igrejas que crescem e que, se aplicados à prática diária da igreja, se consolidarão certamente em sucesso: 1) uma liderança capacitadora, 2) ministérios orientados pelos dons; 3) uma espiritualidade contagiante; 4) estruturas funcionais, e não por mera tradição; 5) um culto inspirador; 6) grupos familiares; 7) uma evangelização orientada para as necessidades; e 8) relacionamentos marcados pelo amor fraternal.

Expositores bíblicos interpretam a frase “principados e potestades” duma de duas maneiras. Alguns entendem que estes, os “Poderes celestiais” possuem um significado apenas “espiritual” e se referem ao mundo angélico – ou as forças demoníacas de Satanás ou os exércitos angélicos de Deus. Isto é a interpretação comum e popular de Efésios 6.10-20. No seu extremo, esta perspectiva limita missões apenas à “batalha espiritual” vencida em oração e evidenciada pela conversão individual de almas a Cristo. O mercado de literatura evangélica está começando a se encher de livros a respeito deste assunto.

Outros preferem uma interpretação “sociológica”, interpretando os Poderes como referências a estruturas sociais que precisam ser sujeitas aos valores de Deus como a justiça e a paz. Observe-se, por exemplo, que Efésios 6.10-20, onde a mesma linguagem aparece, se localiza imediatamente num contexto de relações sociais justas entre empregado e patrão (6.5-9). No seu extremo, esta perspectiva reduz a tarefa prioritária da igreja apenas a uma “luta social” ganha pelo engajamento político e evidenciada pela transformação coletiva de estruturas sociais.

As duas interpretações parecem tão mutuamente distantes que dificilmente uma poderia ter algo a ver com a outra. Entretanto, uma compreensão mais detalhada desta passagem invalida tal oposição. Ela revela o ministério da igreja em duas esferas, sendo tanto uma batalha espiritual quanto um engajamento histórico e social. São dois aspectos da mesma realidade. Não são posições contraditórias.

Uma analogia apropriada se encontra em Daniel 10-11. Nesta passagem a transformação de estruturas sociais aqui na terra – a dominação dos governos da Pérsia, Grécia, Síria e Egito – é reflexo duma batalha angélica no céu.⁵ Dois príncipes ou anjos maus, da Pérsia e da Grécia, pelejam contra um anjo de Deus que aparece para Daniel e que foi socorrido pelo bom príncipe, Miguel, um dos chefes dos anjos. O quadro se descreve tanto do lado “espiritual” (capítulo 10) quanto “social”, de tal forma que os dois se confundem. Concluimos que há duas esferas inseparáveis e simultâneas de atuação para a igreja, a esfera *espiritual* e a esfera *histórica e social*. A missão da igreja ocorre nos dois planos ao mesmo tempo.

Oscar Cullmann deixou clara a proeminência dada aos Poderes angélicos no pensamento dos primeiros cristãos, especialmente em todo lugar onde o senhorio absoluto de Cristo é discutido.⁶ Para ele, estes Poderes, na fé do cristianismo primitivo, estão por trás de tudo que ocorre no mundo.⁷ É necessário, portanto a evangelização dos próprios Poderes. Seu destino não é inequivocamente perdição, mas são os objetos de evangelização pela igreja⁸ (cf. 1 Coríntios 6.3).

⁵ Veja, por exemplo, Daniel 10.13,20-21, Isaías 41-46 e 48, Jubileus 15.31-32, 1 Enoque 89-90, 3 Enoque 14.2, 17.8 e 26.12, Testamento de Néftali 8 e Apocalipse 12-17. Para a relação íntima entre a dimensão “espiritual” e a “político-estrutural” veja o uso em Lucas 12.5 de *exousia* para se referir primeiro ao “poder” de Satanás, e em 12.11, apenas seis versículos depois, às “autoridades” humanas! Também a mesma relação bipolar se estabelece em Colossenses 1.16: “porque nele [o Filho, v.13] foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis: *Tronos, Soberanias, Principados, Autoridades*, tudo foi criado por ele e para ele” (tradução da Bíblia de Jerusalém).

⁶ *The Earliest Christian Confessions*. London: SCM Press, 1949, pp. 58-62; veja também, *Das origens do evangelho a formacao da teologia crista*, São Paulo: Novo Século, 2005.

⁷ *Christ and Time*. Philadelphia: Westminster, 1964, pp. 191-192

⁸ A tradução de *katargéō* em 1 Coríntios 15.24 e 26, em vez de “destruir”, deve ser “nulificar”, ou “entregar”. Afinal de contas, se houver destruição, o que sobra para Cristo sujeitar (*hupotássō*, o

O uso da expressão, “regiões celestiais” em Efésios 1.3, 20, 2.6 e 3.10 sugere que os lugares celestiais são a esfera onde os cristãos, com um pé em cada um de dois mundos, já experimentam a vida ressurreta em Cristo, mas também onde os Poderes ainda exercem domínio. Com eles a igreja luta, e a eles a igreja prega e faz a multiforme sabedoria de Deus conhecida. Que isto esclarece a proclamação do evangelho entre as etnias do mundo se evidencia pelo paralelo próximo à expressão em Efésios 3.8, onde o apóstolo Paulo recebe a graça de pregar aos gentios. A idéia é revolucionária para uma missiologia integral e transformadora: *a evangelização dos povos do mundo, inclusive qualquer prioridade dada aos povos “não-alcançados” – Romanos 15.20-21 – só se realiza efetivamente dentro do contexto maior de redimir as potências espirituais por trás deles, no plano espiritual e no plano sócio-político. É uma e a mesma tarefa.*

Carl Jung uma vez relatou, muito inquieto, que no período depois da Primeira Guerra Mundial e logo antes de Hitler chegar ao poder, seus pacientes alemães sofriam do distúrbio de pesadelos mitológicos de violência e crueldade que pareciam transcender os limites da consciência pessoal. Algum monstro profundo e esquecido estava se mexendo, prestes a irromper no mundo, encarnado não em um endemoniado solitário e selvagem entre os túmulos, mas num homem capaz de galvanizar uma nação inteira numa possessão diabólica.⁹

Precisamos recuperar o ministério de exorcismo, espiritual e político. O exemplo paradigmático de exorcismo coletivo no Novo Testamento é a purificação do templo por Jesus (Marcos 11.11, 15-19 par). No Evangelho, o ato estabelece o clímax do seu ministério, o enfoque central da sua viagem a Jerusalém, e a provocação final antes da sua prisão e execução. Todos os relatos, inclusive o de João, usam o termo formuláico para exorcismo, *exballo*, para descrever o seu ato de “expulsar” os comerciantes do templo. Seu ato ao mesmo tempo foi espiritual e político e assim também foram as repercussões.

Em resumo, é necessário fazer uma outra distinção: Primeiro, o ministério da igreja tem uma característica *coletiva*, não só individual. Não é fácil entender e aceitar esta idéia no Ocidente aonde o individualismo predomina. Entretanto, isto não é o caso da cultura hebraica e por conseqüência da perspectiva bíblica. Lá, é o princípio de *solidariedade corporativa* que predomina. Basta lembrar dos conceitos bíblicos da eleição, da aliança, do dilúvio, do exílio e no Novo Testamento do corpo de Cristo. O alvo da nossa missão implica não somente no anúncio a indivíduos. Implica também num anúncio a todos os Poderes que governam o nosso mundo, e isto porque a ressurreição de Jesus realizou uma mudança não só na vida de indivíduos mas na própria direção da história. Esta não mais caminha para a “ vaidade ” e a

virtual sinônimo de *katargéō*)? Pois, os poderes são pressupostos novamente em versículos 27-28. A perspectiva se evidencia num documento de Nag Hammadi, *O Tratado Tripartido* (124:25-28), “Não somente os humanos precisam de redenção, mas também os anjos, precisam da redenção”. Certamente, esta é a posição apresentada em Colossenses 1.20, que aguarda a reconciliação “de todas as cousas, quer sobre a terra, quer nos céus”.

⁹ Citado por WINK, Walter. *Unmasking the Powers: The Invisible Forces that Determine Human Existence*. Philadelphia, Fortress, 1986, p. 50.

“escravidão da corrupção”, e sim para a “liberdade da glória” e a “libertação” (Romanos 8.18-25).

Segundo, o ministério da igreja também possui uma característica *pessoal*, não impessoal. *Dizer que o alvo da missão não é só individual mas também coletivo não significa que o objeto da missão seja impessoal*. Há muita confusão no uso destes termos quando se trata da perdição, da salvação e do ministério evangelístico da igreja. Esclarecemos, “pessoal” não é o antônimo de “coletivo”, mas de “impessoal”. Por sua vez, “individual” não é o antônimo de “impessoal”, mas de “coletivo”. O evangelho é anunciado por e para *seres pessoais*, não estruturas impessoais, como algumas interpretações sociológicas afirmam. Enquanto capítulo 6 nos diz que a nossa luta não é contra “carne e sangue”, isto é, contra seres humanos, não diz que a luta é impessoal, como se fosse uma luta apenas econômica, política ou até demográfica. Não, “os principados e as autoridades” são seres *pessoais*, como já vimos na referência ao livro de Daniel. Finalmente, é importante manter estas duas características juntas – *coletivo e pessoal* – não predominando uma sobre a outra, no que se diz a respeito do ministério da igreja. A tarefa de “transformar as estruturas sociais”, encarada e assumida tanto na sua dimensão angélico-espiritual quanto na sua encarnação político-social, é integral a missão da igreja.¹⁰

Em síntese, o engajamento missionário é uma luta *espiritual*. Por esta razão, o apóstolo enfatiza em capítulo 6 a necessidade dum preparo espiritual, destacando uma vida de oração, um discernimento da verdade, a prática da justiça, o manejo do anúncio do evangelho, a defesa da fé, e uma apologética da salvação (o pano de fundo de Efésios 6 em Isaías 59 numa nação injusta, mentirosa, violenta e imoral). Porém, tal espiritualidade não é extraterrestre como a espiritualidade monástica que aborrece este mundo e esta história. Ao contrário, o ministério da igreja se realiza aqui neste mundo e dentro da nossa história. É também uma missão *histórica e social*. Estas duas esferas “se casam” de tal forma que a “espiritualidade” evangelístico roga “seja feita tua vontade *assim na terra como no céu*”. Tal “espiritualidade” invade toda dimensão de relação humana. Depende de oração, oração essa que não foge do mundo mas que mergulha para dentro dele, como Jesus alcançou aos pecadores, a fim de transformá-los pelo poder do Espírito Santo. São duas esferas do ministério da igreja, espiritual e histórico-social. Também há duas características deste ministério, coletiva e pessoal.

¹⁰ Niels Bohr, o pai da mecânica quantum, usou linguagem semelhante quando se referiu à “inseparabilidade das perspectivas materialista e espiritualista,” já que “o materialismo e o espiritualismo, que são definidos somente por conceitos emprestados um do outro, são dois aspectos da mesma coisa”. Veja HONNER, John “Niels Bohr and the Mysticism of Nature”, in *Zygon*, 17 (1982), página 246.

O Ministério Bilateral da Igreja

É este ministério abrangente, diante dos Poderes celestiais – tanto no plano espiritual, quanto no plano social – que estabelece o contexto de Efésios 4.7-16. E é nesta passagem que aprendemos que não há evangelismo integral sem uma eclesiologia integral. A transformação de pessoas e da sociedade pelo evangelho é conseqüente duma comunidade de discípulos transformada integralmente.

Eis a passagem segundo a tradução de João Ferreira de Almeida, edição revista e atualizada:

(7) E a graça foi concedida a cada um de nós segundo a proporção do dom de Cristo. (8) Por isso diz: *Quando ele subiu às alturas, levou cativo o cativo, e concedeu dons aos homens.* (9) Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido até às regiões inferiores da terra? (10) Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as cousas. (11) E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres, (12) com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, (13) até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, (14) para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. (15) Mas seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é o cabeça, Cristo,...

Normalmente esta passagem é interpretada como uma bela referência à edificação interna e portanto, uni-direcional, da igreja. Três observações nos ajudam a entender a passagem duma maneira mais abrangente, como uma referência bidirecional tanto à edificação interna quanto à evangelização externa. Primeiro, a frase substantiva, “*todas as cousas*” em 4.10 e a frase adverbial, “*em tudo*” em 4.15, traduzem uma palavra que significa nos dois casos literalmente “*o todo*”. “*O todo*” por sua vez é um termo técnico usado nesta carta (1.10, 11, 22, 23, 3.9, 5.13) para abreviar a outra frase técnica mencionada acima, “*as potestades e principados*”.¹¹ Prefiro então traduzir a frase em 4.15 assim, “*o todo cresce*”¹² (as potestades e principados, ou o cosmos) *naquele que é o cabeça, Cristo*”. Segundo, o “*serviço*” dos santos, mencionado em 4.12, à luz de 3.10, só pode se referir ao engajamento

¹¹ Enquanto fora as Epístolas de Colossenses e Efésios τὰ πάντα pode de vez em quando adquirir um sentido adverbial – “em tudo” – nestas cartas parece sempre ter a conotação dum substantivo e se referir ao cosmos.

¹² Tanto no grego clássico, quanto em 1 Coríntios 3.6-7, 2 Coríntios 9.10 e Pastor de Hermas vis. III 4.1, o sentido de “crescer” é transitivo. Esta tradução não invalida a soberania de Deus, como se não fosse ele que dá crescimento à igreja (como nas passagens que acabamos de citar). Apenas ressalta que Ele escolheu a igreja como o seu instrumento para efetuar tal crescimento e expansão no universo (veja 3.10).

missionário da igreja. E terceiro, 4.12 deve ser lido sem as vírgulas como nos manuscritos antigos, que não possuíam pontuação. Eis a nossa tradução interpretativa à luz das observações acima:

(7) Mas a cada um de nós foi dada a graça conforme a medida do dom de Cristo. (8) Por isso se diz:¹³ *Quando ele subiu às alturas, cativou o próprio cativo, deu dons ao povo.* (9) Que significa “subiu” senão que ele também desceu lá em baixo até a terra? (10b) Aquele que desceu é também aquele que subiu acima e além de todos os céus para que o todo¹⁴ se completasse, (11) isto é¹⁵ ele deu¹⁶ uns para serem apóstolos, outros profetas, outros evangelistas, e outros pastores e mestres, (12)¹⁷ para a capacitação dos santos para a obra do ministério para a construção do corpo de Cristo, (13) até que todos nós alcancemos a unidade da fé e do bom conhecimento do filho de Deus, à maturidade completa de pessoas, à medida da estatura da compleição de Cristo, (14) para que não sejamos mais crianças, arrastados pelas ondas e levados por qualquer vento de ensinamento pelo engano das pessoas e dos seus truques que nos levam à decepção. (15) Mas falando a verdade em amor, façamos crescer “o todo”¹⁸ na direção daquele que é o cabeça, Cristo...

Primeiro, reparamos a atuação de Cristo nas duas esferas simultaneamente. Sua concessão dos “dons” da liderança à igreja corresponde à sua atuação nas regiões celestiais de dominar todos os Poderes e conceder dons às pessoas. No plano histórico, reparamos que uma descrição bidirecional do ministério da igreja começa a se vislumbrar – a edificação interna direcionada aos membros da igreja e a evangelização externa direcionada ao mundo ainda não atingido pela plenitude de Cristo (4.10). Para chegar ao alvo de “plenificar o todo” (4.10, compare Bíblia de Jerusalém) para que “façamos o todo crescer naquele que é o cabeça” (4.15), Jesus concedeu à igreja uma liderança. Esta liderança recebe a incumbência (4.12) de

¹³ Na esfera espiritual, ou no mundo angélico.

¹⁴ Todas as regiões, ou o cósmos.

¹⁵ Na esfera histórica-social.

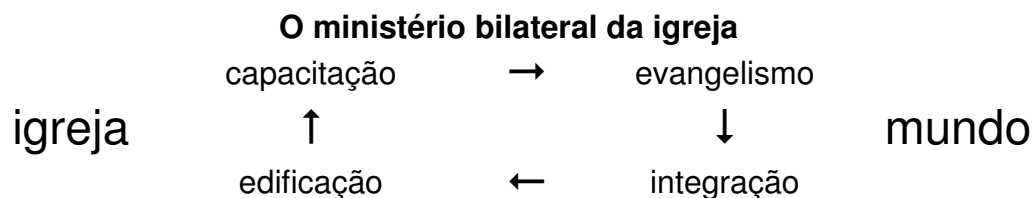
¹⁶ Como dons.

¹⁷ Ler sem as vírgulas. Desta forma não encontramos três alvos distintos e paralelos, mas *um só propósito* – “edificando o corpo de Cristo” – que por sua vez leva ao seu alvo máximo – “a plenitude de Cristo”. Assim aparecem seis cláusulas teleológicas (formulações indicando um propósito ou alvo) que descrevem a igreja em termos do seu destino e esperança. Nas palavras de Markus Barth:

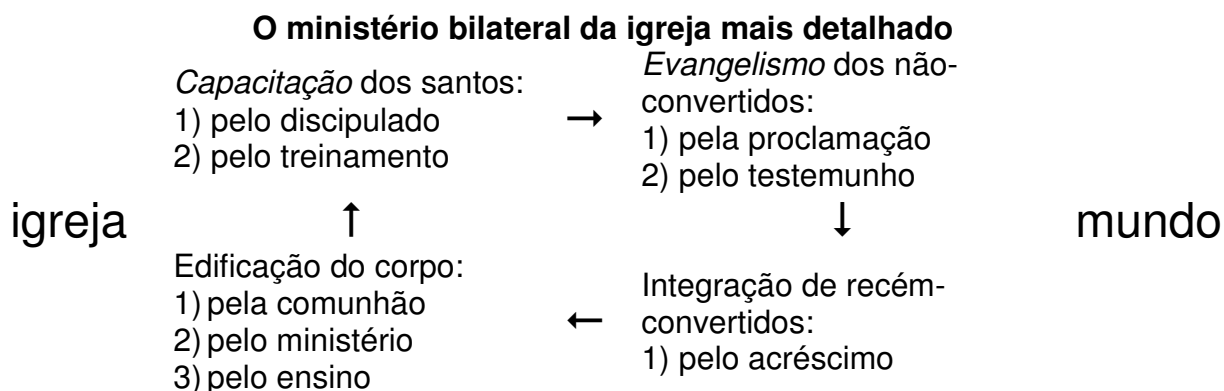
Todos os santos (e entre eles, cada santo) são capacitados pelos quatro ou cinco tipos de servos enumerado em 4.11 para cumprir-lhes o ministério dado, para que a igreja toda se envolva no serviço de Cristo e se incumba de substância, propósito e estrutura missionários....a igreja toda, a comunidade de todos os santos juntos, é o clero designado por Deus para um ministério para e em favor do mundo. Desta maneira duas opiniões muito conhecidas são refutadas: a pressuposição que o grosso dos membros da igreja seja reduzido a meros consumidores de dons espirituais, e a noção que a igreja como um todo deve procurar primariamente uma “edificação” que beneficia somente ela mesma. (*op. cit.*, p. 479)

¹⁸ Isto é, o cósmos. Esta tradução preserva o paralelismo com versículos 12-13 e 16 e portanto é mais coerente. A idéia é a mesma de 1.23 e 4.10 aonde τὰ πάντα também é substantivo.

capacitar os santos (o sentido literal da frase “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos”) para o seu engajamento evangelístico (o sentido de “o desempenho do seu serviço” de 4.12). Este engajamento também não é um fim em si, pois visa ainda a integração dentro da igreja dos evangelizados (o sentido de “edificação do corpo de Cristo”). E assim o círculo se completa: treinamento capaz levando ao engajamento evangelístico efetivo retornando para o próprio aumento da igreja e a sujeição deste mundo todo (compare “*crescer o todo naquele que é o cabeça*” de 4.15 com 1Coríntios 15.28 e Filipenses 2.10-11, 3.21).



Este “retorno” significa que o trabalho pastoral (de edificação e capacitação) tem uma finalidade evangelística enquanto o engajamento evangelístico tem, por sua vez, uma finalidade “pastoral”! Se quiser elaborar mais a direção interna e externa, pode incorporar de outras passagens bíblicas (especialmente Atos) áreas mais específicas do ministério da igreja. A tabela seguinte tenta sintetizar a discussão anterior.



Síntese

Finalmente o modelo começa a surgir para um conceito do ministério transformador e integral da igreja. Baseado nestas reflexões, sugiro quatro princípios para o seu desenvolvimento.

A coletividade de agentes e de audiência. O testemunho cristão é tarefa da igreja toda. A força dos seus agentes “especiais”, os evangelistas profissionais e as agências especializadas, depende da firmeza, fidelidade, e atuação da igreja toda. Por isso, Paulo, o apóstolo *par excellence*, gastou muito tempo escrevendo cartas “pastorais” encorajando a igreja a ser a nova alternativa da sociedade, isto é, uma nova criação. Um programa evangelístico duma denominação dependerá duma

conscientização prática e abrangente, uma reeducação da igreja toda. A dinâmica da atuação evangelística da igreja sempre terá uma estreita relação à sua fidelidade e compromisso pastoral. Nós nos iludimos por almejar uma transformação integral do mundo se esta não nascer primeiro do modelo necessário duma comunidade cristã transformada integralmente.

Em termos de estratégia, o princípio de coletividade também se aplica. Em vez de focalizar apenas indivíduos, é mister pensar em coletividades culturais, sociais, políticas e geográficas. Isto corresponde à compreensão de etnias (povos não-alcançados podem ser enquadrados aqui); setores sociais desfavorecidos como crianças abandonadas, operários, grupos indígenas, etc.; a lutar contra a discriminação (veja a tática de Paulo em relação a Filemon) e a injustiça de toda sorte; e regiões geográficas de especial interesse como a Europa ocidental, o mundo muçulmano, nossas favelas urbanas e o êxodo rural.

A simultaneidade de atuação. A esfera da atuação da igreja é tanto espiritual quanto histórico-social. Isto significa que o ministério da igreja inclui as duas dimensões. É trágica a cegueira entre muitos líderes na igreja pelo esvaziamento do plano místico e espiritual. Talvez o maior impedimento à penetração do evangelho tradicional no Brasil seja a sua redução prática (apesar do discurso contrário) ao racionalismo e materialismo. A Bíblia nos fornece toda a base para recuperar esta visão do mundo habitado por espíritos, sem cairmos num fundamentalismo nem num novo gnosticismo (os dois tem muito em comum fenomenologicamente) anti-histórico e anti-social.

Por outro lado, a conversão da igreja como instituição em plataforma meramente partidária simplesmente não é radical o suficiente. É preciso que os Poderes assumam seu devido lugar *debaixo* do senhorio de Jesus, e não paralelo ou acima dele. Sem a percepção e engajamento no plano espiritual que existe por trás das forças históricas que manipulam estruturas e sistemas, e através destes, as próprias pessoas, a transformação cristã destes últimos não vai acontecer, apenas a troca de potências.

A personalidade. Diante dos dois princípios anteriores, há um perigo da atuação evangelística da igreja não ser pessoal. A natureza apaixonadamente pessoal (de novo, não confunde “pessoal” com “individual”) das epístolas e do ministério de Jesus devem nos corrigir de engajamentos evangelísticos impessoais, vagos e intangíveis. Na organização de células de estudo, de culto e de ação, a personalidade da fé cristã se manifesta. A burocracia e a excessiva institucionalização, inclusive no ministério de desenvolvimento comunitário, por mais importante que estas sejam, tendem a abafar a personalidade do testemunho.

A integralidade de ministérios. O ministério integral é bidirecional. Não está de costas nem ao mundo e nem à igreja. Isto é, inclui não só a preocupação pastoral e de edificação, como também o *preparo e envio* da igreja ao mundo — o trabalho dia-a-dia do cuidado pastoral com fins evangelísticos. É preciso que a relação entre os diversos ministérios da igreja seja expressa na sua organização. Enquanto a sua separação institucional pode ser conveniente para a organização, de alguma forma sua integração precisa de expressão. Não é por acaso que os nossos membros tendem para o dualismo no conceito de ministério. Esta dupla direção da igreja pode ser especificada mais em termos dos oito ministérios mencionados na seguinte tabela.

O MINISTÉRIO INTEGRAL DA IGREJA

“para que o todo se completar” Efésios 4.10

“o todo cresce naquele que é o cabeça, Cristo” Efésios 4.15

DIREÇÕES do ministério	DIMENSÕES do ministério	MINISTÉRIOS da Igreja	EXEMPLOS de Efésios 4	EXEMPLOS da NT em geral
INTERNO	Edificação para	Comunhão 59	“unidade da fé” Efésios 4.13	partir o pão, oração
		Ensino 212	“pleno conhecimento” Efésios 4.13	exposição bíblica
		Serviço 101	“humanidade completa” Efésios 4.13	assistência, visitação, dons, auxílio ao mestre
	Integração	Acréscimo 28	“cresça o todo” Efésios 4.15	batismo
EXTERNO	Capacitação para	Discipulado 266	“aperfeiçoar os santos” Efésios 4.12	habilitação
		Treinamento 68	“não mais crianças” Efésios 4.14	disciplina
	Evangelização 133	Proclamação 72	“falar a verdade em amor” Efésios 4.15	pregação verbal
		Testemunho 173	“a obra de serviço” Efésios 4.14 // 2.10; 3.10	Testemunho de vida, atos de justiça

(Observação: Os números ao lado das palavras gregas correspondem à ocorrência desta palavras e os seus cognatos imediatos — adjetivos e substantivos

Avaliando o ministério da igreja

Cabe-nos agora sugerir técnicas para a avaliação do desempenho das nossas igrejas locais nestes diversos ministérios. Ao fazer isto, nossa única finalidade é preparar o caminho para um planejamento que leve ao aprofundamento e expansão da igreja na nossa região. Não estamos interessados em criticar ninguém, atacar esse ou aquele ministério, essa ou aquela pessoa. O único interesse justificável é a ampliação das bases humanas para a glória maior de Deus.

As técnicas incluem *levantamentos quantitativos* (análise) através de tabelas, gráficos e estatísticas, e *interpretações qualitativas* (diagnóstico) dos dados através da sua comparação e a identificação posterior de pontos fracos e/ou lacunas de ministério. A análise quantitativa às vezes assusta o líder espiritual, pois não parece ser uma atividade espiritual, e de fato, em si, ela não é. Entretanto, a análise quantitativa constitui um passo preliminar essencial à interpretação qualitativa, da mesma forma que os exames médicos (a maioria quantitativa) precedem o diagnóstico capaz de identificar uma doença. Portanto, não devemos recuar diante do uso de

dados quantitativos. Ao mesmo tempo, sempre cabe um aviso: o uso de estatísticas requer especial cuidado, pois é fácil manipular dados e medir coisas menos relevantes. Exige-se critério no devido uso de dados quantitativos. Com esta ressalva, vamos adiante.

Idealmente, levantamos dados numéricos para cada uma das áreas de ministério mencionadas acima: o discipulado, o treinamento, a proclamação, o testemunho, o acréscimo, a comunhão, o ensino, e o serviço. Para cada um destes ministérios, o levantamento pode ser das seguintes atividades:

1. discipulado	número de líderes na igreja, acompanhamento um-a-um, número e frequência nas sociedades
2. treinamento	número de eventos de treinamento e frequência, líderes preparados (e.g., professores de ED, seminaristas)
3. proclamação	pontos de pregação, igrejas organizadas, programas públicos e apresentações especiais na vizinhança
4. testemunho	projetos e contribuição de ação social, contribuições, envolvimento político
5. acréscimo	número no rol de membros
6. comunhão	número/frequência de grupos nos lares, frequência nos cultos, número de confraternizações
7. ensino	frequência na Escola Dominical, conhecimento teológico e bíblico
8. serviço	número de visitas nos lares e hospitais, número de pessoas visitantes, contribuições

Infelizmente, são raras as igrejas que mantêm um bom registro de todos estes dados. O mais comum é o registro de perdas e ganhos no rol de membros e da frequência na Escola Dominical. Algumas igrejas mantêm registros da frequência nos cultos. Estes são registros absolutamente mínimos. Quem sabe, como incentivo deste curso, a sua igreja começa a manter mais registros, e registros mais precisos para melhor avaliação posterior do crescimento da igreja. Por enquanto, vamos trabalhar com os registros “mínimos”: rol de membros, frequência na Escola Dominical, e frequência nos cultos. Estes dados podem ser adquiridos idealmente em registros oficiais da igreja. Na ausência de tais registros, a segunda opção seria o uso de entrevistas para estabelecer os dados. Sempre evite a mera estimativa sem base em registros ou entrevistas. Os passos para o levantamento e ilustração dos dados vêm a seguir. Começamos com a construção de gráficos de linha. Depois passaremos a construir gráficos de barra:

Variações na Participação na Igreja

Primeiro, registre os dados gerais da igreja: nome, endereço e telefone; data da pesquisa; nome e telefone do pesquisador; nome, título, posição na igreja e telefone de contatos.

Segundo, estabeleça a extensão do período estudado. É comum limitar a pesquisa a um período de cinco ou de dez anos. Isto é útil para a comparação com outras igrejas. Quando este não é o caso, o critério para estabelecer a extensão pode ser mais local: por exemplo, o período de existência da igreja quando nova, ou o período dum pastorado. De modo geral, é melhor que a extensão não passe de dez anos, pois provavelmente os acontecimentos mais distantes terão menor efeito no desempenho atual da igreja.

Terceiro, utilizando o papel milimetrado nas primeiras duas páginas do anexo, preencha os dados para cada um dos três registros na escala vertical. Utilize régua e lápis (não caneta). A primeira página do anexo serve de modelo para a segunda página onde você preencherá os dados da sua igreja.

Quarto, estabeleça uma escala horizontal para o gráfico (na segunda página do anexo) começando em baixo com o número menor registrado e subindo o máximo possível até o número maior registrado.

Quinto, marque com um ponto a interseção do número com o ano em que foi registrado e ligue os pontos com linhas sólidas e retas. Pronto, o primeiro gráfico está completo.

Finalmente, queremos comparar o crescimento destas três áreas com o crescimento demográfico da região da igreja. Para isto, precisaremos de dados da prefeitura ou do IBGE. Por exemplo, atualmente a taxa de crescimento para todo Brasil na última década foi de 16%. Neste caso, multiplique o número do primeiro ano por 116% e marque o ponto deste valor acima do décimo ano. Faça um linha pontilhada entre este ponto e o número do primeiro ano, para ilustrar o crescimento demográfico comum.

OBSERVAÇÃO: Alterações drásticas precisam de especial indagação. Por exemplo, houve um “limpeza” no rol de membros? Ou houve uma transferência maciça devido à organização duma nova congregação ou uma divisão na igreja?

Agora estamos prontos a identificar com mais precisão os anos de maior e menor crescimento ou declínio. Para isto, analizaremos as taxas de crescimento anuais no rol de membros, e na frequência na Escola Dominical e no culto. Os passos são os seguintes:

Variações na Taxa de Crescimento

Vamos começar com um gráfico das taxas de crescimento no rol de membros. Primeiro, subtraia o número do ano anterior do número do ano posterior. Por exemplo, suponha que em 2000 sua igreja tinha 425 membros comungantes e não comungantes e em 2001, cresceu para 475 membros. A diferença, portanto é um acréscimo de 50 membros ($475 - 425 = 50$).

Segundo, divida esta diferença pelo número do ano anterior ($50 \div 425 = 0,12$). Para transformar este valor em porcentagem, simplesmente multiplique por 100 ($100 \times 0,12 = 12\%$). Portanto, a taxa de crescimento em 2001 é 12%.

Terceiro, calcule a taxa de crescimento anual para cada um dos anos analisados, preenchendo o valor na tabela da quarta página do anexo. A terceira página serve de modelo.

Finalmente, faça um gráfico de barra na quarta página do anexo, conforme o modelo na terceira página do anexo.

Agora, poderá fazer gráficos para as taxas de crescimento na frequência na Escola Dominical e nos cultos na quinta e na sexta página do anexo.

Com o gráfico de barra podemos identificar com mais clareza os anos de maior variação relativa no crescimento da igreja nas suas diversas atividades. Quanto à variação no rol de membros, falta ainda especificar que tipo de perda e ganho houve. Para isso precisamos fazer um outro tipo de gráfico de barra.

Tipos de Aumento e Perda no Rol de Membros

O fluxo no rol de membros (ganho e perda) é de três tipos: biológico, por transferência, ou espiritual. Cada tipo é medido da seguinte forma:

	Biológico	Transferência	Espiritual
Ganhos	batismos de criança	carta para a igreja	batismo com profissão de fé
Perdas	mortes	carta da igreja	exclusões disciplinares

O gráfico é semelhante ao gráfico das taxas de crescimento anuais com as seguintes diferenças. Utilize a oitava página do anexo, seguindo o modelo da sétima página.

Primeiro, a subida e descida na escala não é medida em porcentagens, mas sim em números absolutos.

Segundo, todos os ganhos e perdas dum ano constam na mesma barra para aquele ano.

Terceiro, cada tipo de perda e ganho parte da mesma ordem do eixo zero. Por exemplo, comece com os ganhos biológicos (batismos de crianças), partindo do zero e subindo o número de lugares do ganho biológico daquele ano. Depois parta do zero para baixo o número de lugares da perda biológica (mortes) daquele ano. Agora faça o mesmo com os ganhos e perdas por transferência, *não partindo do zero, mas partindo de onde terminaram os ganhos e a perdas biológicos*.

Comparando este gráfico com o gráfico das taxas de crescimento anuais, podemos perguntar o motivo de maior ou menor crescimento. Por exemplo, é possível que um declínio grande num ano se deva a uma transferência grande de membros para implantar uma nova igreja. O que parecia negativo num gráfico (taxa negativa de crescimento), no outro (tipo de ganhos e perdas) tem um motivo positivo.

Temos agora melhor condição de arriscar um diagnóstico. Mas antes disto precisamos de mais informação, em forma de narrativa.

A Narrativa do Histórico da Igreja

Não é a toa que o médico, quando possível, procura conhecer o histórico do paciente. Assim descobre padrões de comportamento do corpo que ajudam a prever o desenvolvimento futuro. Queremos fazer o mesmo. Algumas dicas se seguem:

Primeiro, queremos realizar uma breve análise demográfica, de duas a três páginas. Aqui consta o desenvolvimento demográfico da cidade e do bairro. Pode incluir a faixa etária, escolaridade, renda per-cápita e situação social e religiosa da região. Procure identificar a “personalidade” do bairro. Que tipo de movimento existe lá. Quais instituições, indústrias ou comércio existem por perto. Por que as pessoas vão para lá, ou permanecem lá?

Segundo, existem fatores mais globais, ou seculares ou eclesiásticos, que precisam ser registrados? Por exemplo, houve calamidades naturais ou econômicas que poderiam ter influenciado o crescimento da igreja? Ou houve campanhas e programas do presbitério, sínodo, ou supremo concílio que influenciaram significativamente o movimento na igreja local? Registre estes dados.

Terceiro, queremos narrar um pequeno histórico da igreja, digamos de três a cinco páginas. Para fins de analisar o crescimento da igreja, *não estamos interessados em registrar tudo que aconteceu* na história da igreja, muito menos homenagear certas pessoas ou famílias. Tal procedimento *poderá* caber a uma história mais elaborada da igreja. Nossa tarefa é mais específica. Queremos narrar os eventos, os programas, e as lideranças que *influíram positiva ou negativamente no crescimento* da igreja. Claro que a narração das influências negativas, conforme a igreja, pode ser extremamente delicada e o narrador precisará de prudência. Mas não dá para fugir. Dificilmente se trata uma ferida não identificada. Se o narrador não é uma pessoa vista e aceita como uma pessoa “de dentro”, convém pedir para diversos líderes opinarem sobre possíveis motivos por perdas significantes, e simplesmente registrar estas opiniões.

Finalmente, queremos pensar um pouco sobre o futuro. Afinal de contas, depois de todo nosso trabalho, o que podemos sugerir para melhorar? As perguntas fundamentais, ao meu ver, são estas: O que fizemos (eventos, programas, metodologias, estilos de liderança, etc.) de melhor nos últimos anos que precisamos continuar? Onde estão os nossos pontos fracos e como podemos corrigi-los ou, pelo menos, minimizá-los? Então, é só fazer um planejamento, com muita oração, de projetos e alvos para os próximos anos. Se assim for, e com a graça de Deus, o crescimento futuro deverá superar a média dos últimos anos.

Aspectos *pessoais* da frutificação do ministério: Preparando-se para a videira

Uma avaliação séria do desempenho no ministério reflete o empenho dado ao preparo e ao treinamento. Tal avaliação traz bastante humildade. Isto é especialmente verdade diante da importância do ministério. Quero então, começar com um estudo de caso bíblico de abandono vocacional. É o caso de uma testemunha de Cristo logo no início da expansão do cristianismo. Que eu saiba, é o segundo caso de abandono. O primeiro era o caso de Judas. E o segundo é um caso não só de abandono, mas do abandono do abandono. No fim, João Marcos reverteu o seu abandono missionário. E por isso gostaria de apresentar um pouco a sua história. Conto a história como incentivo e esperança quando desanimamos com os resultados que vemos, pois na primeira e na última instância o preparo para o ministério depende da graça misericordiosa de Deus manifesta de maneiras às vezes imprevisíveis pelo Seu Espírito.

O caso de João Marcos

João Marcos, quase todos os estudiosos concordam, é o Marcos do Segundo Evangelho. Conhecemos alguma coisa a seu respeito implicitamente em Atos 12. Por exemplo, sabemos que esta pessoa bilíngüe, João Marcos, veio de uma família de certas condições, de certos recursos. Ele mesmo evidentemente estava de certo modo entrosado na sociedade romana, como indica seu nome. João é nome hebraico e Marcos, latino. E no Evangelho de Marcos aparecem uma série de palavras latinas não como nos outros evangelhos. No Evangelho de Marcos encontramos palavras como "legião", "centurião", "pretório", "executor", "quadrante". Palavras latinas que mostram, quem sabe, até um certo orgulho cultural, o tipo de orgulho que dá arrepio para professores do evangelismo mundial que lutam em apagar o etnocentrismo latente no ser humano. Marcos era como aqueles obreiros que, ao voltarem do campo, não conseguem deixar de inserir algumas palavras, aqui e ali, da cultura de onde veio, porque ele tem uma ligação com aquilo. Ele tem certo orgulho daquilo e por mais repugnante que pode ser para quem está ouvindo, ele queria demonstrar, talvez inconscientemente, a sua destreza lingüística. João Marcos evidentemente era um pouquinho assim, pois não precisava incluir aquelas palavras latinas no seu Evangelho.

Sabemos que veio de uma família importante porque em Atos 12 a igreja estava reunida na casa de sua mãe, Maria, orando a respeito de Pedro quando ele estava preso na prisão. Era importante para a comunidade cristã em Jerusalém porque quando Pedro finalmente foi solto, ele prontamente foi para esta casa. Também era uma casa grande o suficiente para acomodar toda a comunidade cristã. As escrituras dizem que a igreja toda estava reunida lá. E sabemos que a mãe de Marcos tinha pelo menos uma empregada, aquela meio doida, a Rode, que encontrou Pedro na porta e ficou tão alegre que esqueceu dele e foi anunciar a sua vinda e ainda esqueceu de voltar para abrir a porta. Estes poucos detalhes sobre a vida de Marcos mostram que ele teve uma criação social e economicamente boa, provavelmente de classe média

ou até melhor. Alguns comentaristas acham que foi na sua casa que houve o famoso cenário da última ceia, naquele espaçoso cenáculo, e onde a igreja se reunia depois da ascensão de Jesus.

Provavelmente João Marcos era uma testemunha ocular da morte e ressurreição de Jesus. A Bíblia não diz isso explicitamente, mas pelo menos um terço do conteúdo do Evangelho de Marcos se concentra no relato do eventos que cercavam a morte e a ressurreição de Jesus. Eram eventos que impressionavam João Marcos.

Um outro detalhe do nosso interesse concerne a sua rejeição pelo apóstolo Paulo. Naquela mesma reunião quando Pedro saiu da prisão, Paulo e Barnabé estavam presentes e logo em seguida eles retornaram para Antioquia acompanhados pelo João Marcos. Eles levaram Marcos junto com eles para Antioquia. E no início do capítulo 13, lemos que o Espírito Santo caiu sobre a igreja e, como consequência disto, Paulo e Barnabé foram ungidos por Deus para começar a missão até os confins da terra. Até esta altura, o trabalho missionário se desenvolvia principalmente em Jerusalém, Judéia e Samaria. Marcos os acompanhava até Chipre como um pregador auxiliar. E atravessaram o mar para a Panfília, na província romana da Galácia. Nesta altura, Marcos resolve não continuar, deixando Paulo e Barnabé para voltar a Jerusalém. Isso foi uma grande chateação para o apóstolo Paulo que não tolerava moleza. Basta lembrar um pouco os títulos de Paulo para entender isso, pois mesmo nos seus momentos de humildade, quando ele falava de si, ele se referia a si mesmo como um "fariseu dos fariseus", não um fariseu qualquer; da tribo de Benjamim. Também não podia ser um pecador qualquer, tinha que ser o *maior* dos pecadores; e o *menor* dos apóstolos. Estes superlativos indicavam que Paulo pode ser acusado de qualquer coisa menos moleza.

Algum tempo depois, quando Marcos tentou se redimir, Paulo recusou-se a levar Marcos novamente com ele, e o acusou de deserção. Esta é a mesma palavra usada em Lucas 8.13 para o semente que cai em solo duro que representa o entusiasmo momentâneo dos que crêem, mas na hora da provação logo desistem. Assim, Paulo pensava em João Marcos como um grande medroso. "Por fora, bela viola; por dentro, pão bolorento". Não temos certeza por que Marcos desistiu. Mas sabemos que a Panfília era uma região baixa, sujeita a epidemias de febre, e a equipe ainda teria que enfrentar uma viagem dura para chegar lá, à subida para Pisídia. Talvez o confronto emocionalmente desgastante com o bruxo Elimas em Pafros tenha abalado um pouco João Marcos. Ele estava começando a perceber o que estava envolvido neste negócio de evangelismo transcultural. Não era brincadeira. Não é qualquer um que consegue acompanhar de perto o ministério de um Paulo e dum Barnabé; expulsando demônios, curando enfermos e pregando o Evangelho com muito poder. De fato, Paulo e Barnabé iriam enfrentar grande perseguição física em Listra, e sabemos de Atos 14.19 que nesta viagem Paulo quase morreu apedrejado.

Eu acho que o desconfiômetro de Marcos estava muito bem sintonizado mesmo e ele desconfiava do que poderia acontecer. Era a hora "H" para avaliar a sua vocação. Ele calculou a despesa do desgaste emocional, físico, e espiritual, do ministério auxiliar com estes dois super-gigantes líderes, e simplesmente achou o preço alto demais.

Isto me lembra da experiência que eu tive quando tinha 20 anos e trabalhava na praia como salva-vidas. Lá passei por um processo de treinamento no salvamento

marítima. A regra principal que nos ensinaram era resumido assim: “salve-se a si mesmo primeiro; antes um afogamento do que dois!”

Quem sabe, João Marcos pensava algo semelhante diante da sua situação de perigo e concluía que estava na hora de cair fora.

“Pau que nasce torto, morre torto”. Será que o jovem pelado de Marcos 14.51,52 era o próprio João Marcos? A tradição antiga já muito tempo entendeu que sim. Se fosse, pode imaginar o peso do fracasso que Marcos teria sentido em Panfília quando pela segunda vez, agora, não conseguiu dar conta do desafio do discipulado e do seu chamado missionário. Ao mesmo tempo, podemos entender a preocupação de João Marcos com o custo do discipulado e a ênfase que ele dá no seu Evangelho a este assunto anos depois. Marcos felizmente não permaneceu mole até o fim. “Cada um sabe o sapato que lhe aperta,” e Marcos evidentemente reconheceu e corrigiu a sua moleza. Depois de abandonar Paulo e Barnabé, não sabemos quanto tempo ele passou em Jerusalém, mas em Atos 15 nós o encontramos mais uma vez de volta em Antioquia, mais uma vez com Paulo e Barnabé, imagino contrito, provavelmente envergonhado, mas disposto a embarcar numa viagem para aquelas mesmas regiões.

Mas Paulo, intransigente, não quis saber de Marcos. E Barnabé, por sinal seu primo conforme a Carta aos Colossenses, corajosamente arriscando a sua própria parceria com Paulo, aceitou Marcos novamente para o serviço do evangelismo, levando-o de volta para a cena do seu primeiro fracasso. Imagine Barnabé, o parente que não conseguia aceitar o fracasso do seu primo. Pegou Marcos pela mão e dizia algo assim: “vamos voltar lá, nós dois, vamos fazer a mesma coisa juntos, fique comigo, Deus vai estar conosco”. Dez ou doze anos passaram antes de nos encontrarmos com Marcos novamente no Novo Testamento. Isto é muito interessante, pois não sabemos o que aconteceu para reverter a situação de Marcos. O caminho de volta para um discipulado comprometido que cada um tem que trilhar pode variar bastante. Não há um padrão só. Dez ou doze anos depois, quando Paulo escreveu a carta aos Colossenses e para Filemon, Marcos estava presente. Está com Paulo que o chama de “colaborador” (Colossenses 4.10, Filemon 24). E depois, no final da sua carreira, logo antes da sua morte, Paulo faz o maior elogio de Marcos chamando-o de “útil para o ministério” (2 Timóteo 4.11). Ao chamar Marcos de “útil”, o apóstolo Paulo demonstrava um alto padrão de utilidade. Ele não falou com leveza, Marcos se tornara útil mesmo.

Finalmente, nós encontramos Marcos em 1 Pedro 5.13, onde Pedro o chama carinhosamente de “meu filho”, enquanto ele escreve para as igrejas do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia. Todas estas cartas foram escritas provavelmente de Roma, onde Marcos ministrou junto com Pedro e Paulo, e se tornou companheiro fiel e muito amado dos dois. Claramente Marcos havia corrigido o seu erro e o seu nome foi vindicado. Ele era conhecido também entre aquelas igrejas da Galácia e da Ásia Menor, as mesmas para quem Pedro estava escrevendo, e onde ocorria o seu primeiro fracasso. Finalmente, é importante reparar que era este discípulo fraco e medroso, talvez como você e eu, que Deus usou para escrever o que provavelmente seja o Evangelho mais antigo do Novo Testamento, um evangelho bastante enxuto, com bastante ênfase nos eventos que cercavam a morte e a ressurreição de Cristo Jesus.